



abralic
experiências literárias textualidades contemporâneas

BORIS SCHNAIDERMAN: UM INTELLECTUAL ENTRE FRONTEIRAS

Evelina Hoisel (UFBA/CNPq)

RESUMO: Estudo da produção do intelectual múltiplo Boris Schnaiderman, ucraniano radicado no Brasil (São Paulo), exercendo uma diversificada atividade intercultural até os 99 anos de idade, quando faleceu em maio de 2016. Por sua atuação ter se realizado em constante trânsito entre fronteiras – Rússia, Brasil e Itália – Schnaiderman é aqui definido como um intelectual entre fronteiras. Os lugares ocupados no cenário cultural brasileiro – ensaísta, tradutor, ficcionista, professor da Universidade de São Paulo – têm como objetivo as mediações culturais, a disseminação da literatura e da cultura russas no Brasil, elementos que caracterizam este intelectual como um signo de tradução intercultural. Com o propósito de compreender as atuações de Schnaiderman que lhe conferem a denominação de intelectual entre fronteiras, destacam-se as linhas de força mobilizadoras dos seus trânsitos geográficos e discursivos. É como tradutor dos escritores russos que Schnaiderman ganha destaque. Além da vigorosa tarefa tradutória, da qual resultou a profissionalização da atividade do tradutor no Brasil, ressalta-se sua atividade docente, como professor de russo na USP, primeira instituição brasileira a introduzir esta língua no currículo. Como ensaísta, Schnaiderman escreveu textos em suplementos literários e revistas acadêmicas, reunidos posteriormente em livros e coletâneas, discutindo questões referentes às interlocuções culturais, à diluição das fronteiras entre culturas e entre tipologias discursivas, enfatizando nesta última categoria as relações entre literatura e jornalismo. Na sua literatura, rompem-se as fronteiras discursivas, embaralhando-se história, autobiografia, memórias e ficção. Nesta comunicação, no sentido de flagrar as migrações culturais (literárias, teóricas e críticas) presentes na múltipla atividade intercultural de Boris Schnaiderman, foram escolhidos como fonte para o desenvolvimento das reflexões os ensaios extraídos de *Projeções: Rússia/Brasil/Itália* (1978), *Semiótica Russa* (1979), *Turbilhão e semente: ensaios sobre Dostoiévsky e Bakhtin* (1983), coletâneas que registram a emergência das atuações desse intelectual múltiplo no cenário cultural brasileiro.

Palavras-chave: Boris Schnaiderman. Intelectual múltiplo. Trânsitos entre fronteiras. Tradução intercultural.

Boris Schnaiderman, ucraniano radicado no Brasil desde a infância, tem sido considerado uma memória viva dos séculos 20/21. Nasceu em 1917, no ano da revolução russa, na Ucrânia, mas veio morar no Brasil com oito anos de idade, em 1925, radicando-se em São Paulo, onde continuou produzindo, até os noventa e noventa anos de idade, quando faleceu em 18 de maio de 2016. Este dado da vida é importante na biografia desta personalidade, uma vez que a sua atuação intelectual é exercida a partir

de processos de migrações e de constantes trânsitos entre fronteiras, cujas principais projeções são: Rússia, Brasil, Itália.

Os diversos lugares que ocupou no cenário cultural brasileiro, como renomado ensaísta e tradutor, ficcionista, professor da Universidade de São Paulo, têm como tema as mediações culturais, a disseminação da literatura e da cultura russas no Brasil. Nesta comunicação, procura-se caracterizar a biografia de Boris Schnaiderman como um signo de tradução, focalizando-se primordialmente alguns aspectos das relações culturais entre Brasil e Rússia, encontrados em seus ensaios.

A situação de estrangeiro naturalizado brasileiro, condição adquirida em 1941, faz de Boris Schnaiderman um disseminador de culturas. Transitando em contextos repressores diferentes – a Rússia stalinista, a ditadura de Vargas, a ditadura militar no Brasil, e a experiência como soldado e ex-combatente da FEB (Força Expedicionária Brasileira) na Itália, durante a segunda guerra mundial - o intelectual Boris Schnaiderman não permitiu que sua atuação como mediador, isto é, como um tradutor cultural, fosse limitada pelas forças opressoras nos diferentes contextos. Em tempos de repressão política, trouxe clandestinamente textos de escritores russos para o ocidente e chegou a ser preso quando ministrava uma aula de russo na Universidade de São Paulo. Da vivência entre trincheiras, resulta uma instigante produção ficcional, crítica e ensaística que dissemina valores colocando em diálogo diferentes culturas.

Esta ação intercultural de Boris Schnaiderman, em primeira instância, exercita-se a partir da difusão da língua russa no Brasil, através das tarefas de tradução e de docência. Inicialmente, como professor particular de língua russa. Nessa ocasião, encontra-se com os poetas do concretismo brasileiro e começa a dar aulas de russo para Haroldo de Campos e Augusto de Campos, estabelecendo com eles e com Décio Pignatari uma amizade que posteriormente se amplia através das atividades tradutórias e semióticas. Pignatari torna-se uma figura central para a difusão da Semiótica do norte americano Charles Sanders Peirce e Schnaiderman, da semiótica russa, importância que pode ser atestada por meio da coletânea de artigos intitulada *Semiótica russa* (1ª ed. 1979), cujos textos foram traduzidos por ele mesmo, tendo como um dos principais objetivos registrar como certo desenvolvimento ocorrido no campo das Ciências Humanas, na Rússia, foi paralelo ao que ocorria no ocidente a partir da segunda metade do século 19, no que diz respeito ao surgimento daquilo que pode ser denominado de uma “consciência semiótica”. (SCHNAIDERMAN, 1979, p. 11)

Em 1960, Boris Schnaiderman participa da fundação do curso de Letras Russas na Universidade de São Paulo, o primeiro existente no país. É, portanto, a partir desse local de atuação – o da docência em uma das instituições de ensino superior mais conceituada do Brasil naquela época – que a língua e a literatura russas se espalham no território brasileiro.

A partir de 1961, Schnaiderman e os Campos desenvolvem em conjunto um profícuo trabalho de tradução de escritores russos. Parte desse trabalho está divulgado na antologia *Poesia russa moderna* (1ªed.1968; 6ªed.2012) e *Poemas* de Maiakóvski (1ªed.1968; 9ª ed.2013). É como tradutor dos escritores russos que Schnaiderman ganha destaque no seu trabalho de mediação cultural, tendo sido agraciado com a medalha Putin, na Rússia, por esta atuação. Pela primeira vez no Brasil, escritores como Dostoiévski, Tolstói, Puchkin, Maiakovski, Tchékhev são traduzidos diretamente do russo para o português, uma vez que, até então, as traduções brasileiras desses autores se efetuavam a partir da tradução francesa ou de outra língua, e não diretamente do russo, como faz Schnaiderman. Em seus diversos ensaios, a literatura soviética surge com uma profusão de nomes desconhecidos para o leitor brasileiro: Grin, Panova, Katáiev, Paustóvski, Oliécha, Fiédin, Khliébnikov, Tzvietáieva, Mandelstam etc.

Além de uma vigorosa tarefa tradutória, que termina resultando na profissionalização da atividade de tradutor no Brasil, Boris Schnaiderman escreveu diversos ensaios em suplementos literários (Suplemento Literário de *O Estado de S. Paulo*) e revistas acadêmicas. Uma parcela substancial dos primeiros artigos jornalísticos trata da tradução. São textos escritos exclusivamente sobre o tema, ou que o comentam de forma lateral. Todavia, há também uma série de ensaios sobre teoria, sobre literatura brasileira e literatura russa, tendo como principal foco de atenção as vanguardas russas e a renovação cultural brasileira. Nesta perspectiva, podem ser melhor esclarecidas as diversas interlocuções dos poetas do concretismo – Augusto e Haroldo de Campos e Décio Pignatari – com as atividades literárias e tradutórias de Boris Schnaiderman.

Muitos ensaios publicados em jornais e revistas foram reunidos posteriormente em livros, como a coletânea *Turbilhão e semente: ensaios sobre Dostoiévsky e Bakhtin* (1983). Interessa-nos esta publicação uma vez que, no seu texto de abertura intitulado “Conversa preliminar”, Schnaiderman tece considerações importantes sobre a diluição das fronteiras entre as tipologias discursivas, considerando principalmente a “nova retórica” oriunda das relações entre literatura e jornalismo, as quais não funcionam mais

“em compartimentos estanques, num mundo em que tudo repercute em tudo”.
(SCHNAIDERMAN, 1983, p.7)

É a partir dessa concepção de diluição de fronteiras – sejam elas fronteiras territoriais e geográficas, sejam elas fronteiras discursivas nas suas diversas modalidades de migrações – que, em 1964, Boris Schnaiderman publica o seu primeiro livro de ficção *Guerra em surdina* (1964), o qual já se encontra na quarta edição. Talvez um modo de se interpretar esse romance seja considerá-lo como uma tentativa de se reintroduzir o experimentalismo moderno, mediante uma complexa mistura de gêneros, a partir de uma experiência autobiográfica sobre a Segunda Guerra Mundial: a participação de Boris Schnaiderman na Força Expedicionária Brasileira. O livro é relato histórico, é ficção, é memória e é autobiografia, anunciando, na época em que foi publicado, a problemática dos limiares teóricos e críticos e a diluição das fronteiras discursivas.

Em 2015, Schnaiderman publica outro texto memorialístico *Caderno italiano*, retomando a temática de sua experiência na Força Expedicionária Brasileira, na Itália, revelando aspectos da experiência de um intelectual entre trincheiras que não tinham sido narrados no livro anterior, *Guerra em Surdina*, de 1964. O texto de 2015 também tensiona as fronteiras discursivas, constituindo-se como um gênero literário híbrido, ao conjugar memória, anotações de diário, cartas, autobiografia. A narrativa do protagonista desvela os bastidores da guerra, dá visibilidade a uma guerra em surdina, de temor e medo a invadir a intimidade dos soldados aquartelados em trincheiras, ou durante o vazio da inatividade enquanto esperam ir para o campo de batalha.

Entre 1956 e 1964, quando Boris Schnaiderman publica um grande número de traduções e de artigos e lança seu primeiro romance, o Brasil vivia um intervalo entre regimes autoritários – o Estado Novo e a ditadura militar de 1964 – quando as tendências anticomunistas encontravam-se esmaecidas. Nos anos que se seguiram ao golpe militar, o ritmo de suas publicações em jornal diminuiu consideravelmente, conforme estudo de Bruno Barreto Gomide (2012), atestando os impasses que o intelectual entre trincheiras vivencia no novo cenário político e cultural do Brasil pós-64.

Fatores contextuais criaram um ambiente propício para a discussão de temas russos e soviéticos e contribuíram para o início da atividade literária de Boris Schnaiderman, com traduções e artigos nas páginas dos jornais, especialmente na coluna "Letras Russas" do Suplemento Literário de *O Estado de S. Paulo*. Os artigos

publicados refletem o amplo interesse internacional suscitado pela União Soviética que, em certo sentido, estão relacionados aos avanços da era espacial – tecnologia dos satélites soviéticos (o Sputnik), a conquista do espaço, a ida do homem à lua. Deve-se considerar ainda que, depois da revolução cubana, em 1959, a América Latina tornou-se uma prioridade para a União Soviética no que diz respeito às relações interculturais. Houve edições de autores latino-americanos, alguns já conhecidos do bloco socialista, outros novos para os russos, como Machado de Assis. O estudo profissional da cultura brasileira fortaleceu-se na União Soviética; lá e cá foram criadas missões culturais, festivais de arte (dança e cinema), abrindo-se também a possibilidade de viagens de pesquisa. Os ensaios da coletânea *Os escombros e o mito: a cultura e o fim da união soviética* (1997) são cruciais para o entendimento da cultura Russa pós perestroika, em suas diversas manifestações e linguagens artísticas. Nestes ensaios, Schnaiderman exhibe um monumental conhecimento da cultura russa, traduzindo aspectos até então não divulgados no Brasil.

A potência das questões inventariadas no panorama biográfico acima apresentado parece suficiente para justificar o estudo da produção de Boris Schnaiderman para a compreensão das migrações, dos trânsitos discursivos e culturais, da diluição de fronteiras e da disseminação dos saberes a partir da segunda metade do século 20. Nesta perspectiva, as atuações do intelectual Boris Schnaiderman podem ser mobilizadas no sentido de flagrar as conexões discursivas, literárias, culturais, teóricas e críticas presentes na sua diferenciada e múltipla atividade intelectual, reconstruindo a sua biografia como signo de tradução intercultural. Todavia, para esta problemática, as questões tradutórias não interessam enquanto acontecimento puramente linguístico, mas enquanto instrumento de conexão entre culturas diferentes, mesmo que os aspectos linguísticos sejam cruciais para que estas pontes se estabeleçam.

No sentido de elucidar investimentos intelectuais e afetivos de Boris Schnaiderman que movimentam as migrações e os trânsitos culturais Brasil e Rússia, recorro inicialmente a um texto datado de 1960, “Incompreensão mútua”, publicado na coletânea *Projeções – Rússia – Brasil – Itália* (SCHNAIDERMAN, 1978, p.17-21), no qual ele procura compreender alguns aspectos das relações culturais da Rússia com o Ocidente. Afirma Schnaiderman que estas relações foram prejudicadas por preconceitos, pela hostilidade mútua – provocada pelo desconhecimento e incompreensão – e pela falta de um esforço para penetrar de forma mais verticalizada na mentalidade do outro. Destaca ainda que há uma ideia preconcebida de que o mundo

russo é algo impenetrável, propagando-se constantemente os “mistérios da alma eslava”. Segundo Schnaiderman, os próprios escritores russos, como por exemplo Dostoiévski, Gorki, Aleksandr Fadiéiev, contribuíram para disseminar e fortalecer esta ideia. Dostoiévski e Tolstói muitas vezes expressaram sua condenação do mundo ocidental e burguês, em nome de uma concepção humanística. Em outras ocasiões, acercaram-se do mundo ocidental com visões muito “estreitas, cuja debilidade a história se encarregaria de demonstrar em poucos anos” (SCHNAIDERMAN, 1978, p. 20). Com relação ao escritor Aleksandr Fadiéiev, Schnaiderman refere-se ao seu livro *Apontamentos subjetivos*, caracterizando-o como “um documento lamentável de incompreensão e banalidades” nas páginas que tratam da cultura ocidental moderna.

Schnaiderman esclarece, todavia, que as excelentes traduções que existem da literatura russa no ocidente demonstram que estas relações não são tão impenetráveis, anotando inclusive que o referido preconceito tem sido bastante combatido nos últimos anos na União Soviética. E conclui afirmando: “apesar dos aspectos positivos, ambas as partes têm muito a aprender no sentido de um espírito mais amplo e generoso, mais despido de preconceito” (SCHNAIDERMAN, 1978, p. 21). Ao eleger este ensaio de 1960, procuro delinear o contexto no qual se situa este intelectual entre fronteiras no início de sua atuação como mediador cultural e a sua monumental tarefa de tradutor, definida nesta comunicação como signo de tradução intercultural.

Recorro a outro texto da mesma coletânea e da mesma época, “Os caminhos da compreensão” (SCHNAIDERMAN, 1978, p. 23-29), publicado inicialmente em 1962, através do qual Boris amplia o foco dos comentários interculturais, destacando agora as relações Rússia e Brasil, chamando a atenção para a maneira exótica como o Brasil e a América Latina em geral eram vistos na Rússia. De acordo com Schnaiderman, os próprios escritores russos propagaram esta concepção, como Dostoiévski, em *Memórias do subsolo*, e Maiakovski, em *O Percevejo*, na cena em que faz chegar a Moscou uma aeronave com viajantes brasileiros, em um acontecimento “feérico e descomunal” para os anos de 1928. Boris chama a atenção para o desconhecimento de aspectos corriqueiros da vida brasileira por parte dos próprios intelectuais russos.

Contudo, mesmo neste contexto, autores brasileiros foram publicados na Rússia. Schnaiderman reconstitui o percurso dessas publicações, elucidando que, na imprensa russa, as notícias sobre a América Latina e o Brasil aparecem em 1729, no suplemento do periódico intitulado *Anais de São Petersburgo*. Outras publicações podem ser encontradas, porém, as informações sobre o Brasil eram bastante esporádicas e as

traduções de autores brasileiros eram ainda mais raras. Em 1829, aparece no *Sin Otiétchestva* (O Filho da Pátria) uma resenha sobre literatura brasileira e um fragmento de uma tradução, através do francês, de *Caramuru*, de Santa Rita de Durão. Em 1834, a revista russa *Tielescop* (O Telescópio) traduziu um artigo de uma revista francesa sobre “O progresso da literatura, das ciências e das belas artes no Brasil”.

Posteriormente, propaga-se na Rússia o interesse pela literatura brasileira, privilegiando-se, contudo, uma temática política e imediatista, justificando-se por esta via a tradução de textos que, segundo Schnaiderman, não eram representativos da literatura brasileira. Estes textos, contudo, não são referenciados pelo autor no artigo citado. Somente no final da década de 1950 e início da década de 1960, escritores como Machado de Assis, Lima Barreto, Monteiro Lobato, Graciliano Ramos, Marques Rabelo José Lins do Rego, Aluizio de Azevedo passam a ser traduzidos, observando-se então uma certa familiaridade com a literatura brasileira, mesmo considerando que, em vários outros aspectos, revela-se ainda um desconhecimento da realidade brasileira - como exemplo, Schnaiderman destaca o fato de se localizar o “inferno verde” no nordeste do Brasil e de situar José de Alencar como um escritor de 1930, criticando-se, por este motivo, o seu exacerbado romantismo. Apesar dessas incongruências, Boris aponta fecundas possibilidades para os estudos brasileiros na Rússia, bem como para uma melhor compreensão do Brasil.

A partir da leitura dos ensaios destacados, pode-se afirmar que os contatos culturais são flagrados por este intelectual migrante de forma dialógica, generosa, assumindo a postura de quem quer compreender os acontecimentos de modo não delimitado ou direcionado pelos padrões já estabelecidos. Schnaiderman assume uma posição de vanguarda ao valorizar as manifestações inovadoras da cultura russa, colocando-a à disposição de outros contatos culturais. Seu olhar sobre a Rússia enfatiza constantemente o peso da tradição de um mundo sólido, que repousa sobre pesados alicerces e que pesa também sobre quem procura um caminho novo, uma forma de expressão inusitada e agressiva, valores destacados constantemente nos ensaios deste intelectual múltiplo, para caracterizar tanto a produção literária e artística, como a tradução interlingual.

Boris Schnaiderman assinala nos seus textos as marcas de sua simpatia pelo híbrido, pelo contraditório e paradoxal das relações de tradução intercultural. A sua própria biografia se constitui como marca dessa multiplicidade, definindo sua trajetória intelectual como signo de tradução, fazendo das migrações e da diluição de fronteiras -

sejam elas geográficas ou discursivas – uma potente possibilidade de tensionar, articular e movimentar culturas distintas.

Referências

COHN, Sérgio (Org.) **Boris Schnaiderman**. Rio de Janeiro: Azougue editorial, 2010 (Encontros).

GOMIDE, Bruno Barreto. Boris Schnaiderman: questões de tradução nas páginas de jornal. **Estudos Avançados**, v.26 n°76, São Paulo, setembro/dezembro 2012. http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142012000300006, acesso em 25 de outubro de 2016.

SCHNAIDERMAN, Boris. **Tradução, Ato Desmedido**. São Paulo: Perspectiva, 2015 (Debates; 321)

SCHNAIDERMAN, Boris. **Caderno Italiano**. 1ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2015 (Paralelos).

SCHNAIDERMAN, Boris. (Org.). **Semiótica russa**. São Paulo: Perspectiva, 1979. (Debates; 162)

SCHNAIDERMAN, Boris. **Guerra em Surdina**. 4. ed. rev. São Paulo: Cosac & Naif, 2004.

SCHNAIDERMAN, Boris. **Os escombros e o mito**: a cultura e o fim da União Soviética. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

SCHNAIDERMAN, Boris. **Turbilhão e semente**: ensaios sobre Dostoiévski e Bakhtin. São Paulo: Duas Cidades, 1983.

SCHNAIDERMAN, Boris. **Dostoiévski prosa poesia**. São Paulo, Perspectiva, 1982. (Debates)

SCHNAIDERMAN, Boris. **Projeções**: Rússia/Brasil/Itália. São Paulo, Perspectiva, 1978 (Coleção Elos)

SCHNAIDERMAN, Boris. **A poética de Maiakóvski através de sua prosa**. São Paulo, Perspectiva, 1971 (Debates)

SCHNAIDERMAN, Boris; CAMPOS, Augusto e Haroldo. **Poemas**: Maiakóvski. São Paulo: Perspectiva, 1968. (Signos 10)

SCHNAIDERMAN, Boris; CAMPOS, Augusto e Haroldo. **Poesia Russa Moderna**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.